



Parque da Cidade: índices de qualidade de vida, como a proporção de mais de 100 metros de área verde por habitante e de um automóvel para cada três pessoas, são comparáveis aos do Primeiro Mundo.

# Vida social não tem segredos no centro do poder

Grupos profissionais se encontram no trabalho e no lazer, mas a falta de privacidade não chega a incomodar moradores, que creditam má fama da cidade a quem nunca residiu nela

Altos índices de qualidade de vida, como a proporção de mais de 100 metros quadrados de área verde por habitante e de um automóvel para cada três pessoas, colocam Brasília entre as melhores cidades do mundo para se viver. Essa, pelo menos, é a opinião que vale — de quem mora em Brasília e que, em sua maioria, já viveu em outros lugares. Os brasilienses, nascidos ou “naturalizados”, estão dispostos a ir à luta para defender a capital brasileira contra o que consideram ser uma campanha de difamação.

É o caso do Movimento Viva Brasília, presidido pelo publicitário Sérgio Bandeira e integrado por empresários locais, que hoje publica um manifesto lembrando que a má fama de Brasília não tem razão de ser e foi criada por quem não mora na cidade. Iniciativa semelhante teve o grupo de produtores culturais intitulado *Só os Bonitos*. Eles estão convocando os artistas nascidos ou criados em Brasília a trabalhar em favor da mesma causa.

Ao contrário da época dos governos militares, já se pode considerar que há vida inteligente na arte e na cultura brasiliense. A cidade tem duas orquestras sinfônicas, e tenta resgatar da nulidade a produção cinematográfica do País, com a criação do Pólo de Cinema e Vídeo de Sobradinho (cidade-satélite de 81 mil habitantes). Lá foi rodado o filme *A Terceira Margem do Rio*, de Nelson Pereira dos Santos, e está sendo preparada a filmagem de *Louco por Cinema*, de André Luís Oliveira.

Brasília tem inúmeros campos de futebol encravados nas superquadras, sem contar os 35 milhões de

metros quadrados de gramados, mas contraria a lógica segundo a qual a várzea é a base do craque. Na verdade, a cidade não tem time de futebol. Em compensação, não tem garagem para ensaio de conjunto de rock, mas rivaliza com Seattle em matéria de roqueiro por metro quadrado. Já produziu grupos importantes como Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude e Paralamas do Sucesso.

Há até pouco tempo, considerar a existência de uma “noite brasiliense” seria um disparate. Hoje, porém, a cidade detém um recorde em matéria de bares e restaurantes que apresentam música ao vivo: cerca de 160. Mesmo assim, Brasília continua a ter uma “cultura da festa”, adquirida quando virava abóbora e se transformava num deserto, a partir da meia-noite.

As festas brasilienses têm características muito próprias. Às vezes são organizadas por pessoas que estão num bar e resolvem esticar na casa disponível. Já as reuniões produzidas são bem mais complicadas, e não há como impedir que “a cidade inteira fique sabendo”, conta a terapeuta de casais Mara Neubarth. Brasília ainda é uma cidade corporativa, em que os grupos profissionais se encontram no trabalho e no lazer e todos sabem se fulano apareceu em algum lugar com beltrana ou sicrana.

Por isso mesmo, além de ser uma inverdade, é absolutamente implausível que as festas sejam regadas a sexo e drogas, conforme conta a lenda que circula fora da corte. “O consumo de drogas é muito reservado, entre pessoas de estrita confiança, e jamais ocorre no meio das salas, diante de todos”, conta um emérito

freqüentador das festas de Brasília.

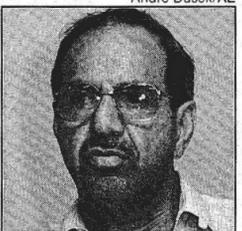
Os condomínios da cidade são um paraíso para as crianças, que também dispõem do Parque da Cidade, com 4 milhões de metros quadrados de área, equivalente a 2,5 vezes o Parque do Ibirapuera. Mas se não faltam oportunidades aos pequenos, o mesmo não se pode dizer das perspectivas para adolescentes. A maioria gostaria de ir para São Paulo e Rio em busca de um horizonte profissional que o Distrito Federal não propicia.

Para o construtor Gilberto Salomão, que em 1959 chegou a Brasília para ficar dois dias e acabou decidindo não voltar mais para Uberaba, a cidade é “uma das três melhores praças do País em termos de incorporação imobiliária”. Perde, evidentemente, para São Paulo, mas se compara a Salvador em termos de crescimento da indústria da construção. Salomão tem escritório no conjunto comercial que construiu e leva o seu nome. Esse é um fenômeno comum em Brasília, onde a assinatura Paulo Octávio domina os empreendimentos imobiliários do deputado.

Foi Salomão que, em 1965, inventou a mania de colocar o próprio nome no negócio. Na época ele chegou a ter 500 imóveis na mão, sem perspectiva de colocação no mercado, em virtude do fechamento do Congresso e do esvaziamento da cidade. Apenas no setor de mansões do Lago Sul havia 48 residências, dentre elas 11 de ministros, outras tantas de diretores da companhia imobiliária estatal e 7 que Salomão havia construído para vender. A questão é que ninguém se dispunha a adquirir um imóvel onde, para comprar uma caixa de fósforo, era necessário gastar o equivalente a um maço de cigarro de gasolina, e percorrer pelo menos 20 quilômetros ida e volta.

A única maneira de provar que o Lago Sul era viável foi bancar a construção do empreendimento comercial, que hoje abriga agências de sete bancos, lojas, bares e restaurantes. O local também foi brindado com a construção de uma ponte, que é mais conhecida como *Ponte do Gilberto* do que pelo nome oficial de Ponte das Garças.

A mudança de governo que se avizinha está aquecendo ainda mais o mercado imobiliário da capital. Só a renovação do Congresso, por exemplo, costuma fazer o índice de ocupação dos 5 mil apartamentos disponíveis da rede hoteleira saltar de menos de 60% para mais de 80%. O valor do aluguel de um apartamento de três dormitórios deve bater na casa dos US\$ 1 mil. Mesmo esses preços não devem desanimar os novos brasilienses de coração, que preferem permanecer na cidade mesmo perdendo a eleição. “É o que acontece a cada legislatura”, diz Salomão. “No primeiro ano, o novo deputado acha horrível, no segundo traz a família, e no quarto não quer mais deixar a cidade”, diz. (Marcelo Fagá)



Salomão: lucrando com os ‘novos brasilienses’

**EMPRESÁRIO LANÇOU MODA DE BATIZAR PRÉDIOS COM NOME DO CONSTRUTOR**

80

André Dusek/AE